

E' possível; mas se não o aceitamos, somos obrigados a aceitar o acaso.

Ora, quando se estuda o desenvolvimento dum indivíduo, a sua ontogénese, constata-se que antes de tudo, esta é preparante do futuro; no óvo ainda não desenvolvido, existem substâncias especiais, ditas organoformadoras, que condicionam os tecidos e os órgãos; esta preparação do que existirá mais tarde é particularmente visível quando se assiste à eclosão dum insecto: o futuro sêr tem o tegumento plissado, para mais tarde se adaptar perfeitamente ao corpo do insecto.

O mesmo podemos observar na filogénese.

A Vida é também invenção: a cada instante parece que a Natureza teve de resolver problemas postos pela necessidade, valendo-se dos materiais que lhe fornecia a evolução. Mas o caracter mais certo da Vida é o que tende à sua própria conservação, primeiro no indivíduo, depois na espécie, e tudo se passa como se a Natureza sòmente se preocupasse com a fecundidade. Poderia dizer-se que as invenções da Vida são antecipações sôbre as necessidades futuras.

NOTA

Esta conferência foi muito discutida, e na discussão tomaram parte: Langevin, Matisse, Berr e Ménetrier. Só Langevin tomou uma atitude particularmente sólida. Toda a discussão de Langevin se pode condensar nesta sua frase, que resume o lado patológico da questão: «Vimos que é difícil desantropo-

morfisar a física. M. Cuénot mostra-nos que é ainda mais difícil desantropomorfisar a biologia». Cuénot respondeu que a razão disto era o atraso em que a biologia se encontra, em relação à física; e sem o pressentir, com estas palavras, inutilizou toda a sua conferência.

COMENTÁRIO

Em primeiro lugar, e admitindo, com Cuénot, que o emprego de expressões tais como: o morcego é feito para o voo, ou está adaptado ao voo, são expressões «impregnadas duma perigosa metafísica, a mais afastada do espírito do homem de ciência», não devemos, sob o ponto de vista científico, encarar a teleogénese, (que supõe necessariamente o emprego de tais expressões), como uma *lei científica*. Não há pois a segunda lei biológica de Cuénot. Apesar de o autor não ter pronunciado uma única vez a palavra *finalismo*, a verdade é que a pretendida «lei do determinismo teleológico» mais não é que uma nova designação da velha «crença finalista».

Em geral, uma nova designação implica uma certa modificação no conceito do objecto designado e, neste caso, o conceito de finalismo, tendo sofrido uma certa evolução, necessitava uma nova designação. Osborn chamou-lhe *teleogénese*; Cuénot vai mais longe e chama-lhe «lei». Ora, quando sôbre uma questão há simultaneamente

duas opiniões, o emprego da palavra «lei» parece-nos arbitrário. A teleogénese será, quando muito, uma *hipótese*.

A hipótese finalista é velha como a humanidade. E à parte uma ou outra vez mais atrevida (Epicuro, Lucrécio), foi admitida como dogma até ao século XIX, em que, pouco a pouco, foi perdendo terreno. O finalismo do século XX, o finalismo de Cuénot, não é já o de Bernardin de Saint-Pierre, para quem as pulgas preferiam o branco para que as apanhássemos mais facilmente, para quem a melancia era dividida pela natureza em talhadas para que fôsse comida em família. Mas mesmo assim, o finalismo de hoje não é menos eivado do vício de pensar que tanto tem prejudicado o avanço da ciência: o antropomorfismo.

Desejando contemporizar, diríamos que, da mesma forma que a escolha entre *mecanismo* e *vitalismo* não pode ser senão de sentimento, a escolha entre o *finalismo* e o *acaso* também não pode ser senão de sen-